

Elizabeth Adler

FÉRIAS EM SAINT-TROPEZ

Tradução
Inês Castro

*Quinta Essência**

1

NO PRINCÍPIO DE JUNHO, véspera das tão ansiadas férias, Sunny fazia as malas, o que significava que o seu apartamento, com as janelas do chão até ao teto que davam para a Marina, se encontrava num caos. Não que estivesse arrumado na melhor das ocasiões, o que enlouquecia Mac. A exceção era a cozinha que se apresentava sempre tão imaculada e limpa como uma sala de operações.

Sunny aprendera a cozinhar com a avó mexicana – os *tamales* da *abuelita* na noite de Natal era um prato tradicional nunca esquecido – e adorava a sua cozinha. Adorava cozinhar para Mac, tendo sempre o cuidado de escolher um vinho que agradasse a um homem que já se tornara um grande perito. E tendo sempre o cuidado de vestir qualquer coisa doce e *sexy* que lhe cativaria o coração ao mesmo tempo que o paladar.

Vira Mac pela primeira vez na festa de imprensa do programa televisivo dele, um tipo rude de calças de ganga e *T-shirt*, que em breve percebeu ser a sua indumentária habitual, e cujos olhos de um azul intenso a miravam como se fosse a melhor coisa que vislumbrara naquela noite toda. A eletricidade chispou-lhes nos dedos quando apertaram as mãos. Era, pensou Sunny, como se estivessem ligados, enviando aquela eletricidade para a terra, provocando-lhe uma descarga calorosa no corpo. Fora há dois anos e raramente tinham estado separados desde então.

Agora Mac tornara-se famoso; o seu programa tipo documentário da vida real na televisão, *Os Mistérios de Malibu de Mac Reilly*, era transmitido em todo o mundo. Solucionara alguns dos mistérios antigos de Hollywood, crimes que envolviam paixão, dinheiro e violência e possuía uma capacidade quase perturbadora para entrar na mente de um criminoso ou de um assassino. Além disso, de alguma maneira, conseguia sempre manter o seu sentido de humor. E no ecrã tinha um ar muito atraente, daquela forma desconjuntada e descontraída que Sunny achava tão cativante.

Mac também mantinha Sunny em estado de alerta ajudando-o nas suas investigações. Fazia-a sentir que não conseguia viver sem ela. Fazia-a rir-se, oferecia-lhe flores e, quando a ciumenta *Tesoro* não se encontrava por perto, faziam amor que parecia melhor do que teriam o direito de esperar. A vida e o amor eram tipo a mesma coisa para Mac Reilly e Sunny gostava dele com paixão, embora se perguntasse como conseguiriam alguma vez casar por causa dos respetivos cães. Ela estava na casa dos trinta e Mac na dos quarenta. Era a altura perfeita. Teria desistido do apartamento da Marina num instante e ido viver com ele caso os cães não fossem tão antagónicos. Mesmo assim, era obrigada a admitir que *Tesoro* era a principal culpada. O pobre *Pirate* aprendera a guardar as distâncias quando *Tesoro* revirava os lábios e descerrava os dentes em algo que não podia, muito decididamente, ser apelidado de sorriso. E, de facto, o mesmo aprendera Mac, que tinha as cicatrizes para o provar.

Sunny suspirou ao alçar outra pilha de roupas do guarda-vestidos para a cama, já juncada com peças de vestuário mais do que suficientes para uma estadia de seis meses e para todas as eventualidades sociais. Porque nunca conseguiria tomar uma decisão, cortar dois terços da roupa e arrumar uma mala leve, como as revistas preconizavam?

Tesoro, de um castanho luzidio e incrivelmente estragada com mimos, estava sentada dentro da mala aberta, tensa como uma mola enrolada, a fitá-la tristonha, receosa de ser deixada para trás no canil perto do aeroporto, onde, de facto, era tratada como uma princesa e parecia divertir-se muito. Claro que nunca deixaria que

Sunny o soubesse. *Tesoro* sabia como provocar sentimento de culpa na sua dona, espesso como nata quente.

– Não há problema, querida, desta vez vens comigo – prometeu Sunny, depositando *Tesoro* na elegante mala *Louis Vuitton* para cães adquirida por uma soma fabulosa no dia anterior. – No final de contas, não podes ir para Saint-Tropez numa velha mala de cães qualquer, não é?

Aproximou-se das janelas e ficou a olhar para a floresta de mastros, com as bandeirolas a flutuar sob um céu azul límpido, ainda preocupada com a arrumação da mala.

Então o telefone tocou.

– Olá, amor, sou eu.

Sunny sorriu.

– E aqui é a rapariga de Saint-Tropez, pronta para gozar a praia e beber o tal vinho *rosé*.

– Pois, bem...

Sunny percebeu a hesitação na voz de Mac e franziu o sobrolho.

– A questão é esta, Sunny. Estou a telefonar aqui do estúdio. Há alguns problemas e vou ter de voltar a filmar algumas cenas. Envolve re-escrita do texto e não vou conseguir apanhar o voo amanhã.

– *Quê?*

– Não posso ir-me embora amanhã.

Assombrada, Sunny não disse palavra.

– Escuta, lamento, querida, mas sabes como é. Não posso fazer nada. Pensei o seguinte. Porque não vais à frente, apanhas o voo? Chez La Violette está pronta, à tua espera, a empregada estará lá e trata de ti, eu vou ter contigo daqui a dois dias.

– Dois dias?

A voz de Mac encerrava um suspiro.

– Vou fazer os possíveis, querida, mas não há razão nenhuma para tu e *Tesoro* não partirem amanhã. Tens todos os papéis necessários para os cães. Podes começar já a trabalhar para o bronze. Ouve, vou arranjar uma limusina para te ir buscar ao apartamento. Apanhas o voo para Paris e depois para Nice. Tudo o que tens de

fazer quando lá chegares é ires à Hertz buscar o carro e guiares até Saint-Tropez. Dou-te as chaves da casa e o contrato de arrendamento que Madame Lariot me enviou.

Sunny permaneceu em silêncio até que Mac perguntou por fim:

– O que achas?

Ela lançou-lhe um olhar carrancudo através do telefone.

– Estou a pensar no que fazer com um homem que foge a uma viagem de férias no último minuto.

– Sun querida, não estou a fugir. Apareço dentro de uns dias.

– Quantos?

– Dois, três no máximo.

– *Okay* – retorquiu Sunny com relutância.

– Vou ficar aqui até por volta das nove. Posso aparecer aí depois?

– Encontramo-nos no Giorgio. Pelo menos, podemos fazer um jantar de despedida.

Apesar de chateada, Sunny certificou-se que estava bem apresentável com um *top* de linho branco sem mangas, uma saia estreita, com um colar turquesa volumoso e o batom vermelho da praxe. A nuvem de cabelo preto ligeiramente ondulado, pela altura dos ombros, resplandecia e a pele brilhava dourada à luz suave. Chegou a horas e sentou-se, amuada, à espera dele.

Mac veio meia hora atrasado, apressando-se no pequeno restaurante italiano apinhado, os olhos azul-escuros à procura dela, detendo-se aqui e ali a caminho da mesa de canto para apertar a mão a Tom Cruise e Katie Holmes com Posh e Beckham numa mesa e a Sharon Stone, deslumbrante como sempre, noutra. Toda a gente conhecia Mac por causa do seu programa televisivo e toda a gente gostava dele porque era franco, honesto e muito bom na sua profissão. Os olhos de Sunny cruzaram-se com os dele e, apesar do seu desapontamento, o rosto animou-se. Embora cansado, com uma *T-shirt* desbotada, calças de ganga e com o casaco de cabedal preto que ela lhe comprara atirado por cima do ombro, o aspeto atraente, vivido, esguio e alto de Mac seduziu-a.

Ele depôs-lhe um beijo no cabelo e sentou-se à sua frente, pegando-lhe nas duas mãos.

– Vais perdoar-me?

– Ei – exclamou em tom descontraído. – Não é com frequência que uma rapariga consegue ir para Saint-Tropez sozinha. Nunca se sabe que tipo de sarilhos poderá arranjar.

Mac abanou a cabeça, contente por Sunny ter percebido e estar a aceitar o inevitável.

– Muito verdadeiro – retorquiu ao mesmo tempo que o empregado servia o *Antinori Chianti* bastante bom que Sunny já pedira. – Nunca se sabe. E, de qualquer maneira, falas francês.

– Ah, trabalhei em Paris algum tempo, mas isso foi há muitos anos. Se calhar já esqueci a maior parte do que sabia.

– Atrevo-me a afirmar que te vais lembrar de tudo. Quero dizer, quando estiveres em França. – Mac apertou-lhe a mão por cima da mesa. – Não estarás sozinha muito tempo, prometo. – Ficou contente quando viu o rosto de Sunny animar-se; a velha vivacidade regressara-lhe aos olhos.

– Eu sei, eu sei... amas-me demasiado para arriscares que os deslumbrantes homens europeus se atirem a mim.

– Nisso tens razão, amor.

Mac beijou-lhe a mão e sorriram um para o outro.

– É a nossa última noite juntos – comentou Sunny, lançando-lhe um olhar dramático sob pestanas tão compridas e espessas que projetavam sombras nas maçãs do rosto.

Ele estendeu a mão e passou um dedo com suavidade sobre elas.

– Não te vais pôr a chorar, pois não, querida?

O olhar dramático transformou-se numa expressão altiva.

– E sou o tipo de mulher que chora?

– Bem, em determinadas circunstâncias...

– Diz lá uma.

– Às vezes depois de fazermos amor...

– Ah! Isso é uma coisa muito diferente. Isso é... isso é...

– É o quê?

– É prazer – sussurrou Sunny, os olhos agora colados aos dele, naquele olhar íntimo que só os amantes partilham.

– Já te tinha dito que estás linda hoje? Mais adorável do que me recordava?

– Estás só a dizer isso para te safares.

– Deixas-me safar então?

– Desta vez... talvez. Mas só desta vez.

– Ótimo. Agora podemos voltar ao que interessa e pedir o esparguete com lagostins?

Sunny suspirou deliciada.

– Sabes mesmo como agradar a uma mulher.

– É a minha especialidade.

– Isso e deslindar homicídios.

– Se calhar isso também.

– Mas não em Saint-Tropez. – Foi firme naquilo. – Em Saint-Tropez estamos de férias.

– Claro. – Mac pegou-lhe nas mãos. – Anel bonito – observou.

– Em breve serão dois anéis.

– Suponho que tens razão.

Mac cruzou mentalmente os dedos atrás das costas. Amava Sunny, mas este negócio do casamento era outra questão. Mesmo assim, teriam de ver o que dava uma estadia em Chez La Violette e o romantismo do Sul de França.

Depois do jantar, Mac, no seu *Prius* híbrido personalizado, seguiu Sunny no seu *Mini Cooper* até ao apartamento em Marina del Rey. Nada de devoradores de gasolina para eles. Estacionou ao lado dela e apanharam o elevador até ao nono andar, em carícias apaixonadas o tempo todo.

– Vou ter saudades tuas, amor – murmurou Mac, beijando-lhe os lóbulos das orelhas e sentindo-a estremecer de prazer.

Esquecera-se de *Tesoro* que lhe saltou em cima mal entrou.

– Como te fui esquecer, sua pequena selvagem?! – exclamou, transpondo o átrio com *Tesoro* ainda a farejar-lhe os calcanhares.

– Sun, o que vais fazer com esta cadela?

Fitou-a com ar queixoso e ela riu-se.

– *Tesoro* é o meu amor verdadeiro, não és querida?

Ajoelhou-se e a cadela abandonou Mac, saltando para os braços de Sunny e lambendo-lhe a cara com pequenos latidos entusiásticos de alegria.

– Vais sentir a falta dela quando se for embora – avisou Sunny.

– Queres apostar? E de qualquer forma ainda não te foste embora e preciso de me chegar a ti.

Como se a cadela tivesse percebido o que ele dissera, virou a cabeça e confrontou-o, ainda anichada muito presunçosa nos braços de Sunny, que era onde Mac queria estar. Ainda a rir-se, Sunny levou a cadela para a cozinha, pegou num saco de biscoitos e num grande osso de roer e ofereceu-os a *Tesoro*. Com a cauda a abanar, a cadelinha farejou-os e depois atacou a comida.

– Feliz por fim – disse Mac, pegando na mão de Sunny e conduzindo-a ao quarto, referindo-se a si próprio, claro, mas também à cadela.

Fitou, consternado, a pequena montanha de roupas ainda empilhadas na cama ao lado de uma mala quase vazia.

– A tua versão de como se fazem malas! – exclamou atónito.

– Fazer malas é um assunto muito pessoal.

Sunny empurrou com pouco cuidado as roupas para fora da cama, para o chão, e avançou para os braços de Mac, aninhando a cabeça no pescoço dele.

O cabelo escuro cheirava como brisa fresca e fez-lhe cócegas no nariz. Afastou-o para trás com delicadeza, apreciando a sua textura entre os dedos. Puxou-a mais para ele. Ali ficaram, corpo contra corpo. Sunny inclinou a cabeça para trás, fechando os olhos, e Mac fez deslizar as mãos por baixo da saia dela, agarrando-lhe as nádegas forradas a renda, puxando-a para si. Sunny dera para usar calções de renda em vez de cuequinhas tipo fio dental e Mac pensou que eram muito *sexy* ao resvalar as mãos por baixo da renda, ouvindo-lhe o suspiro de prazer.

– Linda – sussurrou. – Como és linda, minha Sunny, mulher mais linda...

Ela afastou-se, só um pouco, o suficiente para lhe permitir cair para trás sobre a cama, puxando-o com ela. A saia branca

subiu uns centímetros nas coxas douradas. As cuecas de renda azul pálida estavam mesmo à espera de ser tiradas pelas mãos trémulas de Mac. Ele não conseguia esperar, nem sequer o tempo necessário para despir todas as roupas dela, ou as suas.

– Queres-me, querida? – sussurrou, comprimindo-se com força contra ela. – Diz-me que me desejas.

– Sim, oh, sim – sussurrou em resposta. – Mesmo que me vás abandonar e mandar para Saint-Tropez sozinha.

– O quê? – Mac soergueu-se sobre os joelhos.

– Bem – disse Sunny, ali deitada, olhando para ele com grandes olhos inocentes cor de âmbar, sob o adejar das pestanas escuras. – No final de contas, não vais poder fazer amor comigo se não estiveres lá. Não é?

– Dois dias – gemeu Mac. – São só dois dias, Sunny.

O suspiro dela ecoou pelo quarto, as pestanas a adejarem de forma dramática.

– Bem podiam ser duas semanas.

Os olhares cruzaram-se. Olharam um para o outro durante um longo momento, em silêncio. Sunny foi a primeira a ir-se abaixo. Um sorriso criou-lhe covinhas nos cantos da boca.

– Estou só a provocar – observou.

E, com um gemido, Mac voltou a cair em cima dela, farejando-lhe o pescoço, mordendo-lhe as orelhas, beijando-lhe a boca.

– Vais deixar-me fazer amor contigo, apesar de te ir abandonar em França durante dois dias inteiros?

– Talvez três – lembrou-lhe ela.

– Ora, não interessa – retorquiu, despojando-se com rapidez de todas as suas roupas.

Tinha-se esquecido por completo da cadela. Isto é, até um pequeno furacão lhe aterrar nas costas, abocanhando-lhe pedaços de carne que preferiria não ter exposto e levando-o a afastar-se de Sunny aos gritos e a rolar para o chão.

Cobrindo com frenesim as suas partes íntimas, Mac ouviu-a rir-se, como se fosse a coisa mais engraçada que já vira.

– Sua cachorra – berrou. Depois começou também a rir-se.

Quando se levantou, viu que a cadela se sentara em cima da barriga de Sunny. Podia jurar que o pequeno focinho da *chihuahua* exibía uma expressão triunfante.

– Imagino que teremos de esperar até França – disse contra vontade.

Sunny ainda se ria quando respondeu.

– Suponho que sim.

Nice, meia-noite

SUNNY ESPERAVA IMPACIENTE ao balcão da Hertz no aeroporto de Nice. O voo de Los Angeles para Paris atrasara cinco horas, perdera o voo de ligação e fora obrigada a apanhar um outro muito mais tarde. Parecia-lhe que andava a viajar desde sempre. Através das janelas, via as palmeiras a dobrarem-se com um vento que fazia chocalhar as portas giratórias. Vinha aí um temporal. O *mis-tral*, informou-a a mulher no balcão do aluguer de viaturas, abanando a cabeça e revirando os olhos.

Tesoro gania infeliz na sua mala *Louis Vuitton* empoleirada no topo do *chariot*, como os franceses chamavam de forma tão encantadora ao carrinho das bagagens. Sunny ainda apertava contra si a malinha de verga muito usada, veterana de muitas viagens, as pegas amarradas com um lenço de seda para evitar que as suas coisas de última hora – que incluíam roupa interior lavada caso a bagagem se perdesse – caíssem. A espreitar em cima encontrava-se uma sanduíche com aspeto muito esgotado, uma *baguette* grande de queijo e fiambre adquirida no aeroporto de Paris para a eventualidade de alguma fome. Tinha uma chávena de papel de café forte na outra mão e a sua mala «propriamente dita», vermelha com pegas de pele castanho-clara e um fecho para nada *poder* cair, estava pendurada ao ombro e continha o passaporte, dinheiro e outros documentos importantes, como o contrato de arrendamento e as chaves para Chez La Violette, bem como um pacote de *M&M's*

e um volume de Proust – *Um Amor de Swann* –, que destinava a leitura de praia.

A sua aparência em geral controlada desintegrara-se sob o stresse do que constituíam agora mais de vinte e oito horas de viagem. De calças de ganga, *T-shirt* e um casaco de caxemira comprido de tom fúcsia, com o cabelo negro a escapar-se de um coque preso à pressa com um pauzinho de madeira e a dispersar-se sobre os olhos, a aguentar o peso das suas várias malinhas, com a bagagem empilhada no *chariot* e *Tesoro* empoleirada em cima a lamuriar-se desolada, tinha o aspeto de uma cigana itinerante. Naquele momento, a situação parecia com certeza muito aquém das férias de luxo que Mac prometera.

Lá fora, com as chaves do carro na mão, Sunny inspirou fundo, agradecida pelo ar fresco, apesar de sentir frio. Um vento gelado assobiava pelas esquinas, lançando nuvens, entufadas como novelos de lã cinzenta, a voar pelo céu sem Lua. Destrancou o carro, empilhou com rapidez a bagagem na bagageira e depois deixou a cadela sair.

Tesoro ganiu e tremeu, fez um rápido chichi à senhora e voltou a correr para a sua mala. Em breve, prometeu-lhe Sunny, estariam em Chez La Violette, onde tudo seria luxo e conforto com uma cama macia e quente para ambas dormirem.

Marcou o endereço no GPS e dirigiu-se para a Autoroute du Soleil Leste, mesmo na altura em que a tempestade eclodiu por fim. A chuva escorria pelo para-brisas, estrangendo o tráfego a um passo de caracol. Mesmo assim, pensou que Saint-Tropez não parecia demasiado longe no mapa. Não poderia demorar assim tanto tempo.

Saint-Tropez, duas e trinta da manhã

Bertrand Olivier caminhava pelo estreito carreiro enlameado. A noite estava escura como uma gruta de morcegos e a chuva golpeava oblíqua, mas Bertrand gostava do temporal. Gostava da noite. Gostava de estar sozinho.

Usava uma capa de oleado com capuz de um verde camuflado. Os óculos grossos eram inúteis com aquele tipo de chuva, mas os binóculos antiquados e pesados, que trazia presos ao pescoço com uma fita de couro, estavam equipados com pequenos discos de metal que se projetavam por cima das lentes como um par extra de pálpebras. Era tudo o que precisava para ver.

Uns faróis cintilaram atrás dele. Apanhado desprevenido, hesitou um segundo e depois mergulhou nos arbustos, agachando-se, observando e esperando que o veículo passasse.

Sunny guiava, um pouco deprimida, pelo caminho enlameado. Não devia chover em Saint-Tropez, ponto glamoroso do mundo, e era um temporal torrencial em que se poderia esperar encontrar Noé ao virar da esquina com a sua Arca.

– E acredita, Noé – murmurou por entre dentes cerrados –, ficava contente por te ver.

A viagem demorara imenso tempo, a maior parte numa estrada rural às curvas, só com uma faixa. Sentia-se exausta e a desejar ter passado a noite em Nice.

Um ganido triste soou no banco traseiro. *Tesoro* não estava habituada a estar fechada tanto tempo, mesmo numa mala luxuosa *Louis Vuitton*. A acrescentar ao infortúnio, Sunny sentia o nariz a pingar e quase jurava que apanhara uma constipação no avião. A fungar e com os latidos de *Tesoro* como uma espécie de coro atrás, continuou a conduzir.

A senhora do GPS estava a falar outra vez. *E em francês*, por amor de Deus. E, por essa altura, não conseguia distinguir sequer a sua *droite* da sua *gauche*.

Espera aí um minuto! O que era aquilo? Travou a fundo, fazendo o carro entrar numa miniderrapagem. Seria uma ilusão? Uma miragem? *Ou teria acabado de ver um homem no meio da estrada?*

O coração martelou-lhe no peito, as palmas das mãos viscosas de suor e tomou de repente consciência que se encontrava sozinha naquela vereda francesa escura e solitária que conduzia, parecia, a lado nenhum.

Continuou a guiar. Os faróis varreram o sítio onde pensara ter avistado a pessoa, mas não viu ninguém. Soltando um suspiro de alívio, pensou com ansiedade nos confortos que a aguardavam em Chez La Violette.

Bertrand Olivier saiu do meio dos arbustos. Apontou os binóculos para o carro, observando os faróis traseiros vermelhos a esbaterem-se na distância. Conseguiu perceber que o condutor era uma mulher. E que estava sozinha. Sabia que o único lugar para onde poderia dirigir-se por aquela estrada seria para Chez La Violette. Bertrand conhecia bem a casa, por dentro e por fora. E sabia que se encontrava vazia.

Começou a correr nessa direção.

